

# VÍDEOS DIGITAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UMA REALIDADE A SER DISCUTIDA

Yebá Ngoamã Martins Fagundes, Pós-Graduando, UEPB

[yebangoaman@hotmail.com](mailto:yebangoaman@hotmail.com)

## Introdução

A discussão em torno das Tecnologias da Informação e Comunicação tem se difundido entre a comunidade acadêmica, sua relação com a educação se problematiza em meio a reformulações do conceito de escola e do próprio ensino. O cotidiano do jovem, do estudante, está permeado por relações virtuais que tomam corpo através do *Ciberespaço*, onde se admitem novos conceitos, linguagens e expressões, por vezes só válidas no próprio Ciberespaço. Os sujeitos, usuários das *novas mídias*, assumem papel de produtores de cultura descentralizando velhas formas de produção da *mídia de massas*, hoje tanto o acesso quanto a produção de informação e cultura são amplamente vivenciados por grande parte da população mundial.

Os espaços de aprendizado se multiplicam, permitindo a estudante de todo o mundo se aproximarem, através de *fórum, chats, redes sociais, WhatsApp, Blog*, plataformas de educação a distancia (EAD) como o *Moodle*. A escola tradicional centrada na figura do professor perde o “fôlego” e gritos por respeito não se encaixam ou não cabem mais em nossa realidade.

Produzir e manipular o vídeo digital se tornou comum, com o barateamento das tecnologias a ele associadas como a câmera digital, o computador pessoal e o editor de vídeo. O mesmo se disseminou através de sites como o *YouTube*, se diversificando em modos de fazer, abordagens e abrangendo grande número de temas, principalmente os ligados ao entretenimento. No entanto vídeos destinados a educação vem ganhando destaque, com grande número de postagens e em muitos casos produzidos por estudantes. Assim discutir buscando entender essa realidade, onde o vídeo assume destaque enquanto ferramenta de ensino torna-se uma questão fundamental, quando se deseja compreender a escola e o ensino no cenário atual.

Como a escola tem se relacionado com as TIC? Como o vídeo vem sendo integrado em práticas de ensino? Quais e como são os vídeos produzidos pelos alunos? São questões

que pretendo discutir neste trabalho. Assim pretendo abordar a relação entre TIC, mídia e educação no contexto do ensino básico. Considerado o vídeo digital enquanto uma prática que já está integrada a escola e ao cotidiano do estudante, pretendo estabelecer uma classificação que se ocupe dos modos de fazer e dos destinos dados ao vídeo na educação.

Este trabalho é parte das atividades desenvolvidas na Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba.

As novas tecnologias, as mídias e a educação

Filmes anunciam um futuro próximo onde o homem é substituído por máquinas, em *Metrópolis* e em tantas outras produções cinematográficas, essa é uma discussão comum. Um futuro esperado para 2001, para fins do século XX ou início do XXI, em tempos de caos ou pacificidade, apocalípticos ou pós-apocalípticos, espacial (*Star Wars*) ou subterrâneo (*Matrix*). O encantamento com o futuro humano frente às (novas) tecnologias é um tema sedutor e desperta opiniões diversas, envoltas em medos e esperanças. Alguns jovens já se reúnem em grupos virtuais se preparando para uma possível invasão de *zumbis*, onde não existirá internet e os recursos para manutenção da sobrevivência serão escassos.

O “futuro” anunciado para o início do século XXI se configurou não na forma de guerras inter-galáticas ou de *ciborgues* dominando o planeta, mas em uma redefinição de paradigmas de nossa sociedade ao se confrontar com as novas tecnologias de informação e comunicação, que possibilitaram a conexão seletiva, de pessoas no ciberespaço. O Ciberespaço é um conceito que se localiza na lógica do homem enquanto sujeito pós-moderno, que se multiplica em suas possibilidades de existir culturalmente. Onde suas identidades foram fragmentadas e deslocadas de modo a serem constituídas em torno do que pode ser definido enquanto sujeito pós-moderno como enfatiza Stuart Hall (1992).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.(Hall, 1992, Pg. 2)

As tecnologias de informação e comunicação permitiram a interação/aproximação, em diferentes partes do planeta, entre pessoas, empresas, governos, instituições e etc. Ligando,

aproximando e encurtando distâncias em torno de uma “rede”, de forma a modificar a sociedade e as relações sociais.

[...] actualmente, a saúde, o poder e a geração de conhecimento estão largamente dependentes da capacidade de organizar a sociedade para captar os benefícios do novo sistema tecnológico, enraizado na microeletrônica, nos computadores e na comunicação digital [...] (CASTELLS, 2005, pg 17).

Em “Tempos Modernos”, Chaplin ilustra a operação industrial que massifica o homem, enquanto “meros executantes ao longo de linhas de disciplina industrial” (CASTELLS, 2005), um sujeito que se confunde com as engrenagens de uma máquina, se reduzindo a operações básicas e repetitivas dentro de um esquema em que não se enxerga o que se produz. Nessa sociedade industrial se desenvolveu os meios de comunicação de massa, *mass media*, (SANTAELLA, 2003) que para alguns teóricos, principalmente os da escola de Frankfurt atendem a interesses econômicos de produções culturais verticais, onde os consumidores são meros espectadores de informação e cultura. Atentando para a definição de mídias enquanto “meio de comunicação de massas, especificamente aos meios de transmissão de notícias e informação, tais como jornal, rádio, revista e televisão [...]. Em todos esses sentidos a palavra mídia está se referindo aos meios de comunicação de massa.” (SANTAELLA, 2003)

Mcluhan (1964) trouxe a concepção do meio enquanto mensagem, “o meio é a mensagem”. O meio é tratado, segundo ele, como “qualquer uma das extensões de nós mesmos”. Assim as tecnologias trazem em seu arrasto a possibilidade de transfiguração da mensagem, quando introduzem novas possibilidades de interação do humano com um meio que se modifica em dimensões e particularidades.

[...] Estamos aqui nos referindo, contudo, às conseqüências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes. Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas. (MCLUHAN, 1964, Pg. 21)

Em contrapartida o surgimento do computador pessoal e posteriormente da internet possibilitaram o advento de uma cultura virtual onde os “usuários” dessa rede são produtores de cultura e interagem segundo mecanismos e linguagens específicas, criando o que se designa por *Cibercultura*. Uma cultura virtual de atores sociais que interagem no Ciberespaço, este definido “como um novo meio de comunicação que surge a partir da

interconexão mundial de computadores, o termo abrange tanto a infra-estrutura material, quanto as informações contidas nele, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (PINHO, 2011), quebrando a hegemonia dos meios de comunicação de massa e horizontalizando a produção de cultura. A própria internet possibilita um acesso à informação horizontal e interativo, onde o sujeito tem possibilidade de escolha e interferência:

Nessa perspectiva, a cibercultura, diferente das outras mídias, oferece horizontalidade das informações, elas apresentam a possibilidade de reconfigurações ao mesmo tempo em que seus usuários podem emitir informações. No ciberespaço e na cibercultura igualam-se as condições de emissão e recepção por meio da interatividade alcança-se a horizontalidade nas relações (PINHO, 2011 apud EGLER, 1998).

São diversas as formas de interação/produção/interferência/reedição que o ciberespaço oferece, convergindo para a mídia das mídias, o computador, e a própria criação de uma cibercultura que modifica a relação das mídias entre si e os sujeitos. “Uma máquina que estava destinada a mastigar números começou a mastigar tudo: da linguagem impressa à música, da fotografia ao cinema.” (SANTAELLA, 2003 apud LUNENFELD, 1999). Assim, foi criado um conceito de mídias, *new media*, que abrange as novas tecnologias de informação e comunicação ou, em outras palavras, o meio digital. O computador, a internet a fotografia e o vídeo digital, os jogos eletrônicos são exemplos de mídias localizadas no âmbito digital e, portanto consideradas mídias digitais.

O impacto advindo da inserção de novas tecnologias no cotidiano de uma parte significativa da população mundial revolucionou a sociedade e a cultura, de forma que uma divisão entre as mídias, *new media* e *mass media*, não seria apropriada, já que tal revolução transcende o fato da plataforma midiática ser digital ou não. Em consonância ao que SANTAELLA, 2003 apud Manovich, 2001 explicitam.

“Assim como a prensa manual no século XIX exerceram impacto revolucionário no desenvolvimento das sociedades e culturas modernas, hoje estamos no meio de uma revolução das mídias e uma virada nas formas de produção, distribuição e comunicação mediadas por computador que deverá trazer consequências muito mais profundas do que as anteriores” (SANTAELLA, 2003, pg. 62)

Assim, as novas mídias captaram as mídias anteriores, que são produzidas agora no âmbito digital, em um formato que atende e é compatível com consumidores de mídias digitais de uma *sociedade em rede* (CASTELLS, 2005). Criando modos de expressão cultural que em certos casos são válido apenas no meio virtual, uma cibercultura em um ciberespaço

de subjetividades próprias e múltiplas, de identidades fragmentadas e deslocadas de seu centro (HALL, 1992).

É neste contexto que se insere uma geração totalmente adaptada ao uso e ao convívio simbiótico com as novas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Lemos (2009) apud Prensky (2001), a geração que nasceu nas décadas de 80 e 90, tem facilidade de executar operações simultâneas “[...] baixam música, aprendem a fazer música, filmam, reproduzem, trocam e criam um olhar sobre o outro frente às inúmeras janelas que se abrem em tamanhos e dimensões diversas. [...]”. Em blogs, *WhatsApp* ou frente às redes sociais como o *Facebook*, *postam* suas experiências diárias, suas opiniões, frustrações amorosas, registram a si próprios em *selfies*, podendo, rapidamente, receber aprovação coletiva a depender de *clicks* na função *curtir*.

As divergências sobre o sentido educativo dado as tecnologias de informação e comunicação permeiam a discussão em torno de *um caminho sem volta* onde as novas mídias assumiram papel central na vida de grande parte população mundial e principalmente entre uma geração, que desde seus primeiros anos de vida, tem contato íntimo com as novas tecnologias (LEMOS, 2009).

Em Castells (2005) se discute até que ponto o simples aparatar de tecnologias em sala de aula se traduz em melhorias no ensino. Apontando para a urgência na redefinição de paradigmas educacionais.

É por isso que difundir a Internet ou colocar mais computadores nas escolas, por si só, não constituem e necessariamente grandes mudanças sociais. Isso depende de onde, por quem e para quem são usadas as tecnologias de comunicação e informação. O que nós sabemos é que esse paradigma tecnológico tem capacidades de performance superiores em relação aos anteriores sistemas tecnológicos. Mas para saber utilizá-lo no melhor do seu potencial, e de acordo com os projectos e as decisões de cada sociedade, precisamos de conhecer a dinâmica, os estrangulamentos e as possibilidades desta nova estrutura social que lhe está associada: a sociedade em rede. (CASTELLS, 2005, pg. 19)

O âmbito escolar ainda está tentando se adequar a inserção das novas tecnologias em sua estrutura curricular e suas práticas de ensino, rigidamente constituídas, implicando na urgência de mudanças profundas que contestem a figura do professor enquanto o centro dos processos de aprendizagem.

A principal dificuldade para transformar os contextos de ensino com a incorporação de tecnologias diversificadas de informação e comunicação parece se encontrar no fato de que a tipologia de ensino dominante na escola é a *centrada no professor*. Em uma sociedade cada dia mais complexa, as tentativas de situar as aprendizagens dos

alunos e suas necessidade educativas na escola da ação pedagógica ainda são minoritárias. (Sancho, apud Cuban, 1993, grifo do autor)

Sancho (2006) destaca que a utilização das TICs em instituições escolares tem se desenhado de forma extracurricular, não integrando tais tecnologias nas práticas diárias da sala de aula, na maioria dos casos são abordadas se adicionando ao currículo tradicional a disciplina informática, programação, páginas da web e etc. De forma que uma tecnologia que teve um caráter transformado em toda a sociedade, na escola, se resume ao reforço de práticas comuns de consulta superficiais pouco interativas. Kenski (2008) ressalta o papel do professor enquanto mediador no contexto das novas tecnologias e da visão do aluno enquanto sujeito:

Esses novos mediadores podem ser identificados como educadores, capazes de orientar sem dirigir o processo em construção pelo grupo, e como comunicadores – no sentido da produção do diálogo, da interpretação e da intercomunicação entre todos os participantes de uma mesma comunidade de ensino-aprendizagem, entre outras coisas. A participação desses mediadores no meio dos aprendizes se dá no sentido de orientar o grupo para o foco do processo que está sendo trabalhado, evitando a dispersão, a confusão. O papel de mediador se amplia no estímulo para que todos estejam conectados, atentos, participantes. Como educador, ele orienta o caminho, fornece trilhas confiáveis, estimula a reflexão crítica, a produção criativa. Como conciliador, o mediador procura integrar os dissidentes, aplacar os conflitos e estabelecer um clima profícuo de confiança ampliada entre todos, princípio básico para a atuação em conjunto e a colaboração. (Kenski, 2008, Pg. 654)

Outra face da discussão a respeito do uso das TICs em educação se concentra na área da comunicação, onde se assume termos como mídia-educação e educomunicação. Admitindo no Brasil como precursor, Paulo Freire, defendendo que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e de que a dimensão crítica no estudo envolve uma recepção ativa dos textos, em que o estudante assume o papel de sujeito” (GIRARDELLO e OROFINO, 2012 apud FREIRE, 1981). Enxergando o aluno enquanto sujeito, protagonista de sua educação e produtor de cultura, de onde emergem práticas de ensino desenvolvidas em projetos:

Temos verificado a integração de diversos métodos de pesquisa e prática cultural, desde a pesquisa de recepção para um mapeamento do consumo cultural dos estudantes, passando por metodologias de trabalho educativo que leva em conta os temas geradores apontados pelos próprios estudantes, até práticas de produção midiática mesma (como definição e realização de reportagens, campanhas educativas e produção de ficção em diversos formatos, com o uso de rádio, jornal, animação, livros eletrônicos, fotografia digital e *pin-hole*, edição de áudio e vídeo, frequentemente compartilhados via internet). Dentre os temas mais presentes nesses projetos encontram-se cidadania, memória, meio ambiente, identidade, arte e diversidade cultural, integrados direta ou indiretamente aos currículos. (GIRARDELLO e OROFINO, 2012, Pg.85 ).

Apesar das contrariedades, as TICs estão presente e intimamente ligadas a vida de grande parte da população e seus efeitos se ampliam sobre toda a humanidade, chegando as regiões mais remotas do globo. “Até mesmo a esquecida, longínqua e quase inacessível

Orissa, último reduto do mundo em que as informações ainda viajavam atadas fisicamente às patas de uma ave, teve de dobrar-se à globalização implacável dos serviços de telefonia e a conexão universal via Internet.” (MACHADO, 2007).

Pensando em uma população de “Nativos Digitais”, que teve contato com as novas tecnologias desde os primeiros anos de vida, as consequências do *imperativo tecnológico* se alargam na medida em que há uma modificação radical no modo de pensar, diferindo de pessoa que inseriram as tecnologias em seu cotidiano, denominados por Prensky (2001) de *Imigrantes Digitais*, este chega a apontar a possibilidade de uma mudança física em suas mentes face à nova realidade vivida.

Agora fica claro que como resultado deste ambiente onipresente e o grande volume de interação com a tecnologia, os alunos de hoje pensam e processam as informações bem diferentes das gerações anteriores. Estas diferenças vão mais longe e mais intensamente do que muitos educadores suspeitam ou percebem. “Tipos distintos de experiências levam à distintas estruturas de pensamento,” diz Dr. Bruce D. Barry da Faculdade de Medicina Baylor. Como veremos posteriormente, é bem provável que as mentes de nossos alunos tenham mudado fisicamente – e sejam diferentes das nossas – sendo resultado de como eles cresceram. Mas se isso é realmente verdade ou não, nós podemos afirmar apenas com certeza que os modelos de pensamento mudaram (Prensky, 2001, Pg. 1).

Segundo Prensky (2001), a correlação entre aluno /professor e *nativo/imigrante* existe quando o professor representa as velhas formas de ensino estando inserido em uma forma de pensamento que não se adéqua a realidade de uma *sociedade em rede*.

Os professores Imigrantes Digitais afirmam que os aprendizes são os mesmos que eles sempre foram, e que os mesmos métodos que funcionaram com os professores quando eles eram estudantes funcionarão com seus alunos agora. ***Mas esta afirmação não é mais válida.*** Os alunos de hoje são *diferentes*. Um estudante do jardim de infância disse recentemente no recreio 7TT.hungry.com (hungry = com fome). “Toda vez que vou à escola tenho que diminuir minha energia”, reclama um estudante de ensino médio. É que os Nativos Digitais *não podem* prestar atenção ou eles não *escolhem*? Frequentemente do ponto de vista dos Nativos seus instrutores Imigrantes Digitais fazem com que *não valha a pena* prestar atenção à sua forma de educar se comparar a tudo o que eles vivenciam – e então eles os culpam de não prestarem atenção!

Assim não se pode conceber um ensino isento do papel de incluir as TIC em suas práticas, já que esta exerce tão forte influência sobre o modo de pensar e agir em nossa sociedade.

## O vídeo e a educação

No contexto das novas tecnologias e das mídias a linguagem visual relativa a *imagem em movimento* têm papel fundamental, ilustrado no contraste entre vídeo e cinema reunindo distinções que vem se estreitando nas últimas décadas.

Assim contrariando a visão pautada na ênfase das diferenças entre as mídias associadas à *imagem em movimento* (vídeo, cinema, televisão), Machado apud Youngblood (2007) destaca hoje existir uma convergência das mídias, uma interpenetração de seus campos de atuação. Que se contrapõem ao “purismo e, às vezes, até mesmo ao fundamentalismo ortodoxo das abordagens divergentes e separatistas, tendemos hoje a preferir os casos mais prósperos e inovadores de hibridização, de fusão das estruturas discretas”. Assim há uma convergência das mídias relacionadas a *imagem em movimento* para o que se define por *audiovisual*:

Nesse sentido expandido de *arte do movimento*, televisão e vídeo também passam a ser cinema, assim como a multimídia. Pensado dessa maneira, o cinema encontra uma vitalidade nova, que pode não apenas evitar o seu processo de fossilização como também garantir sua hegemonia perante as demais formas de cultura. Eis por que essa arte das imagens em movimento – que no passado já foi teatro das sombras, caverna de Platão, lanterna mágica, praxinoscopia (Reynaud), fenaquistropia (Plateau), cronofotografia (Marey) e depois se tornou cinematografia (no sentido que lhe deu Lumière) – está sofrendo agora um novo corte em sua história para se tornar *cinema expandido*, ou seja, o *audiovisual*. Nesse sentido, ele vive um momento de ruptura com as formas e as práticas fossilizadas pelo abuso da repetição e a busca de soluções inovadoras. (Machado, 2007, pg. 67).

Assim o vídeo se populariza e se torna uma linguagem extremamente diversificada, assumindo centralidade na vida de grande parte da população mundial, seja através da televisão, pelo cinema ou na convergência das telas de computadores, onde se pode assistir filmes online, televisão aberta, vídeo-arte, gravações de show e eventos musicais, vídeos pessoais dos mais diversificados temas que se multiplicam em *sites* como o *youtube* dentre muitas outras expressões do vídeo. “O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços.” (MORAN, 1995).

A introdução do vídeo no contexto escolar se deu inicialmente na década de 80, através da popularização do uso de aparelho de televisão associado ao *videocassete*. Possibilitando a reprodução de produções cinematográficas e televisivas e constituindo um novo recurso a ser utilizado nas escolas. Assim Luca (2009) descreve o papel *descentralizador* que representou o surgimento de uma tecnologia capaz de reproduzir filmes que antes só podiam ser vistos em salas de cinema.

O surgimento do videocassete encontrou os estúdios mais bem dimensionados em suas ambições e encarando o fornecimento específico de programas para a televisão como um serviço adicional a ser ofertado. Já se entendia que o “cinema” não mais se



restringia a um salão com inúmeras cadeiras voltadas para uma tela. O conceito de “indústria audiovisual” estava presente e visava atender aos diversos segmentos que existiam. (LUCA, 2009, pg 361)

Os vídeos exibidos geralmente em VHS nas salas de aula através de videocassetes, não se apresentavam como práticas bem definidas, sendo encarados pelos alunos como um momento “descanso e não aula” como afirma Moran (1995). Não sendo inserido no planejamento pedagógico e se relacionando de forma desconexa com a temática trabalhada. O autor destaca algumas formas inadequadas de utilização do vídeo em sala de aula como: *Vídeo tapa-buraco*, *Vídeo-enrolação*, *Vídeo-deslumbramento*, *Vídeo-perfeição* e *Só vídeo*.

Iniciativas como a TV escola, criada em 1995, trouxeram a possibilidade de utilização de uma programação exclusivamente produzida para o âmbito educacional, porém a falta de profissionais habilitados em lidar com a mídia-educação restringiu a capacidade de alcance dessa programação. Em grande parte das escolas o equipamento responsável por receber o sinal retransmitir a programação da TV escola não chega a ser utilizado, servindo apenas como “enfeite” de prateleiras. Como destaca Bévort e Belloni (2009) a Mídia-educação é um campo relativamente novo, com dificuldades para se consolidar, entre as quais a mais importante é, sem dúvida, sua pouca importância na formação inicial e continuada de profissionais da educação.

Nesse contexto, Moran (1995) destaca um grande “leque” de possibilidades de utilizações adequadas do vídeo em sala de aula, elaborando uma “Proposta de Utilização” didática de usos adequados do vídeo em sala de aula. Abaixo são relacionadas algumas das possibilidades apontadas por ele.

- a) “Vídeo como *sensibilização*”, objetivando introduzir e motivar os alunos a respeito de algum tema a ser trabalhado em sala de aula;
- b) “Vídeo como *ilustração*”. Permite ao mediador ilustrar uma realidade desconhecidas pela educando, de outra região geográfica ou período histórico, por exemplo;
- c) “Vídeo como *simulação*”. Quando se necessita simular uma realidade, esquema ou modelo que seriam de difícil execução na prática. Por exemplo, experiências químicas;
- d) “Vídeo como *conteúdo de ensino*”. Quando existe uma abordagem didática a respeito de determinado tema;
- e) “Vídeo como *produção*”: Quando ao aluno é assegurado o fazer, produzir o vídeo e interagir com o elemento audiovisual. Assim aponta as seguintes possibilidades:

- i. “Como *documentação*”: Registro de atividades de ensino como a própria aula, bem como atividade extraclasse, eventos escolares dentre outros casos.
- ii. “Como *intervenção*”: Ao intervir no elemento audiovisual o modificando e recriando, quando se edita um vídeo, por exemplo, é possível dar nova significação à determinada cena dentro de um novo contexto;
- iii. “Como *expressão*”: Onde o aluno tem a possibilidade criar suas próprias produções dentro do contexto escolar e envolvendo as culturas juvenis a ele associadas. *Tendo, para tanto que ter conhecimento básico de todas as etapas de uma produção audiovisual (pré-produção, produção e pós-produção).*

Dentro das possibilidades apontadas por Moran (1995), se encontra o “vídeo como produção”, onde os alunos têm a possibilidade de criar produções audiovisuais, “como expressão”. Ressaltando o protagonismo juvenil e o fazer enquanto paradigma da aprendizagem.

O desenvolvimento acurado do vídeo digital e o barateamento dos equipamentos necessários a produções audiovisuais, como câmeras fotográficas e filmadoras de alta resolução, editores de vídeos digitais virtuais, permitiram a ampliação do acesso e disseminação do seu uso principalmente associados à cultura jovem.

O *youtube* tem se destacado em criar um ambiente favorável a criação e divulgação de vídeos, criado em 2005, serviu como plataforma para o *compartilhamento* de vídeos digitais dos mais variados tipos, permitindo a qualquer usuário devidamente cadastrado no *site* divulgar suas próprias produções audiovisuais. Os temas são os mais diversos possíveis abrangendo intervalos de tempos que vão desde poucos segundos a horas de duração.

São diversas as categorias dos vídeos carregados no YouTube. Há vídeos caseiros, que registram o crescimento das crianças da família e suas festas de aniversário ou viagens de férias, e vídeos profissionais e/ou comerciais que compartilham shows musicais, filmes, propagandas, programas de TV, entrevistas, documentários e muitos outros.(PESSÓA, SD, Pg. 2).

O *youtube* também se destaca atualmente como poderosa ferramenta de divulgação de vídeos voltados ao ensino, com grande disponibilidade de vídeos destinados a esse fim, contendo aulas e podendo ser o canal de exposição de atividades escolares de produção de vídeos.

[...] a proliferação de vídeos educacionais no Youtube cresce exponencialmente, como em diversas outras instâncias na internet. Para se ter uma idéia do número de vídeos relativos à matemática, foram encontrados cerca de 71.300 vídeos em português com a palavra “matemática” no título, e cerca de 16.600 vídeos em português com a palavra “cálculo” no título (busca em Maio/2012), mesmo sendo um assunto considerado difícil para a maioria dos internautas. (Schneider e col., 2012, pg 2)

Assim o vídeo digital tem ganhado destaque entre jovens que buscam muito além da diversão, querem se conectam em busca de informação, procurando responder, por exemplo, questões relacionadas ao ensino básico regular ou a um concurso público, que professores e alunos em diversas partes do mundo se propõem a discutir, roteiros e metodologias para desenvolvimento das mais diversas atividades que vão desde “como consertar unha quebrada<sup>1</sup>” até “Como fazer um robô guindaste hidráulico<sup>2</sup>”.

Além disso, o *youtube* vem sendo um dos principais canais de divulgação musical, promovendo nascimento de novos ícones da cultura jovem como, por exemplo, *Justin Bieber*, *Os Leleks*, *Mc Gui*, *Mc Marcellly*. A última ficou conhecida nacionalmente através de um vídeo-clip de caráter amador lançado através *youtube*, “Bigode Grosso”. Muito além do amadorismo a *funkeira Valeska Popozuda* também lançou um vídeo-clip a partir do site *youtube*, “*Beijinho no Ombro*<sup>3</sup>”, empregando para tanto um investimento financeiro de aproximadamente 400 mil reais e recursos técnicos apurados, rapidamente ganhando grande destaque nacional. A expressão que dá nome a música, *beijinho no ombro*, se popularizou entre a população de todo o país, traduzida por “auto-afirmação de alguém em relação às pessoas invejosas” segundo o dicionário virtual Dicionário Informal<sup>4</sup>.

---

1. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=aBNt9KEXO18>>

2. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=sft0OzAC8gw>>

3. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo>>

4. Disponível em < <http://www.dicionarioinformal.com.br/beijinho%20no%20ombro/>>

Dessa forma ao ciberespaço convergem formas de expressão cultural associadas principalmente à juventude, onde o despontar inicial já se faz em âmbito digital e se legitima igualmente em ambiente virtual. É possível a criação de um *canal* no *youtube* onde são disponibilizados vídeos postados pelo *usuário* que o criou, tanto os criados pelo próprio usuário quanto os que ele deseja repercutir. Assim se multiplica o número de pessoas que, através de seu próprio canal, compartilham informações, filmes e gravações de si próprios realizando as mais diversas atividades.

O youtube pode ser enxergado sob a ótica do conceito de “inteligência coletiva” (SERRANO, SN, apud LEVY, 1999), que se traduz no “conhecimento da humanidade armazenado no ciberespaço”, sendo “apresentado pelo autor como um processo social inalcançável em sua plenitude. Nenhum indivíduo é capaz de conhecer tudo, mas toda a humanidade o é.”. Logo:

O YouTube representa uma memória individual e coletiva da humanidade, os acontecimentos pessoais são armazenados como documentos digitais e disponibilizados na rede, a possibilidade de compartilhamento entre vários indivíduos aumentam o potencial de inteligência coletiva dos grupos que apresentam como ponto em comum o interesse por determinado conteúdo. (SERRANO, SN, apud LEVY, 1999, pg. 14)

A “inteligência coletiva” pode se manifestar no dilúvio de informação já apontado por Levy (1999), em Ricciardi (2011) encontra-se um exemplo claro, constatando a pluralidade e o grande volume de informação contida no *YouTube*.

A cada minuto, o YouTube recebe 35 horas de vídeo uploads: mais de um dia por minuto, o que prova a atemporalidade na internet e a riqueza do formato colaborativo. Todo mundo pode postar, nenhuma pessoa terá tempo hábil para assistir tudo o que foi postado, e nenhuma emissora de TV, com um quadro de funcionários limitados, seria capaz de produzir tanta coisa. Estatísticas do site apontam que ‘Mais vídeos foram enviados para o YouTube em 60 dias do que as três principais emissoras dos EUA produziram em 60 anos’. É verdade que existem conteúdos ricos e outros não tão bons, mas o critério de aproveitamento é subjetivo, e ao mesmo tempo em que o YouTube é um espaço democrático em que qualquer cidadão pode ter sua expressividade, é também uma mídia sem filtros. O conteúdo está lá, para ser buscado de acordo com uma seleção individual. (Ricciardi, 2011, pg. 89)

Assim, o *YouTube* pode ser relacionado a processos de aprendizagem, cabendo à escola aproveitar tal realidade, como já vem ocorrendo em algumas instituições onde o vídeo digital é utilizado como atividade curricular. No próximo capítulo discuto como o vídeo já vem sendo utilizado pelos alunos, principalmente do ensino básico, como ferramenta de aprendizagem.

## Vídeos escolares no Youtube

Visualizando a produção de vídeos enquanto atividade de aprendizado, elenco alguns casos de vídeos *postados* no *YouTube* que se adequam às práticas de ensino, destacando categorias em consonância com MORAN (1995). Ressaltando as possibilidades associadas à produção, ao fazer, audiovisual. Busco destacar vídeos que levantes questões inerentes às identificações dos estudantes com a sociedade, as mídias e a cultura, que retratem e reverberem o universo estudantil.

MORAN (1995) propôs categorias relacionadas ao uso do vídeo no contexto educacional, que me servem de amparo para estabelecer uma classificação em uma das situações destacada por ele: o vídeo como produção. Ressalto que sua classificação se refere à ampla gama de possibilidade de inserção do vídeo no ensino, enquanto neste trabalho me ateno especificamente à produção de vídeos. Assim me aproprio de alguns termos utilizados por ele adequando-os no sentido e no contexto a minha proposta de trabalho.

Na vasta produção de vídeos difundidos através do site *YouTube* por alunos como práticas de ensino, pode-se perceber clara distinção entre linguagens e modos de fazer, assim é possível estabelecer uma classificação, permitindo distinguir semelhanças e diferenças entre as categorias propostas: *Vídeo como modo de Avaliação*, *Vídeo Intervenção*, *Vídeo Documentação*, *Vídeo como Ficção* e *Vídeo como Expressão*.

Portanto tal classificação não se ocupa das temáticas abordadas nos vídeos produzidos, e sim dos formatos dados a eles. Tento estabelecer uma graduação vinculada à complexidade do fazer iniciando pelo modo mais simples de *produção escolar: o Vídeo como modo de Avaliação*. No entanto as temáticas trabalhadas são contextualizadas nas realidades e identidades associadas à juventude e a figura do estudante enquanto produtor de cultura.

*Vídeo como modo de Avaliação*. A produção de vídeos enquanto atividades avaliativas se expressa em grande número de vídeos postados no *youtube*. São vários os trabalhos realizados por alunos abordando conteúdos diversos e que na maior parte dos casos retratam os temas através de textos, fotografias e diagramas. Em casos mais elaborados a abordagem é realizada por narração gravada em áudio e (ou) vídeo também contendo fotos e textos. Em ambos os casos pode haver acompanhamento musical que não necessariamente tem relação com o tema trabalhado.

O caso do vídeo contendo áudio gravado pelos próprios alunos, com objetivo explicativo não pode ser confundido com um *vídeo-aula*, pois não contempla uma linguagem didática, acercando-se dos temas através de uma maneira puramente descritiva, na maioria

dos casos. Podem ser apontadas algumas formas que se repetem de *vídeos como modo de avaliação*:

- “*Trabalho de*”. Vídeos que se configuram enquanto atividades integrantes das práticas de ensino, podendo se expressar através de qualquer matéria que constitua a grade curricular do curso. Podem conter apenas áudio, fotos e textos ou apresentar gravações de áudio e vídeo feitas pelos alunos;
- *Video-clip*. Muitas vezes associado ao formato de “trabalho de”, é realizado como atividade avaliativa e consiste no acompanhamento visual ou na reedição de vídeo clips de músicas que geralmente tem ou tiveram grande visibilidade através da indústria fonográfica. É constituído a través de fotos ou gravações em vídeo digital e geralmente é relacionado a atividades das matérias de inglês e artes.
- *Jornal Escolar*. Com grande numero de *postagens* os jornais escolares se multiplicam, utilizado muitas vezes no formato de paródia a produções de telejornais com grande visibilidade na mídia de massas, contemplando a realidade escolar, conteúdos abordados em matérias da grade curricular. Dentre as possibilidades de formatos explorados enquanto *Vídeo como modo de Avaliação* o Jornal escolar é a mais complexa, pois contempla além de uma abordagem de conteúdo e notícias, a necessidade de uma seleção e de uma criação participativa de “matérias” jornalísticas;
- *Vídeo-aula*. Quando o vídeo possui formato de aula, produzida pelos alunos com abordagem didática acerca de temas levantados em âmbito escolar.

O vídeo: *Trabalho de História – Feudalismo* pode exemplificar o caso de uma produção utilizada como atividade de aprendizagem, explorando textos e fotos para abordar os conteúdos desejados. Parte da forma mais trivial de produção audiovisual escolar, onde se vê uma sucessão de imagens interlocutidas por blocos de textos, possuindo também acompanhamento musical que não guarda nenhuma relação com o assunto abordado.

- [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=mlG2QK9tqOk](https://www.youtube.com/watch?v=mlG2QK9tqOk)

No vídeo *Trabalho de Sociologia – Desigualdade de Gênero* são apresentadas imagens das manifestações anuais que se difundiram a partir de 2011 denominadas no Brasil por *Marcha das Vadias*, nelas mulheres contestam o argumento popular utilizado para justificar o estupro, de que as mulheres tem uma parcela de culpa no ato ao se vestirem de maneira “inadequada”. O vídeo tem como trilha sonora a musica interpretada por Maria Rita, *Pagu*, que contraria algumas subjetividades impostas ao gênero feminino como a fragilidade e o apelo sexual associados à figura da mulher brasileira.

- [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=sFrc3rMra24](https://www.youtube.com/watch?v=sFrc3rMra24)

Dessa forma o áudio e o visual se combinam neste vídeo convergindo para a produção de um sentido explorado como temática de prática de ensino em aula de sociologia. No entanto o vídeo não apresenta textos que discuta o tema trabalhado, se restringindo a oferta da contemplação visual das imagens e a audição da música. Segue uma linha de vídeos postados no *YouTube* que se assemelha a vídeo clips de música produzidas comercialmente realizadas pelos próprio usuários onde esses gozam da livre associação entre a imagem e a música.

Outra possibilidade de *Vídeo como modo de Avaliação* são os que para retratar determinado conteúdo se utilizam de gravações em vídeo, por vezes dramatizando situações, registrando lugares ou pessoas, demonstrando experiências em disciplinas como química, física e biologia. Em todos os casos no sentido de ter suas atividades submetidas a determinado tipo de avaliação em uma prática ligada ao ensino.

*Vídeo Intervenção*. Possibilita ao educando trabalhar com vídeos já produzidos a fim de (re) significá-los enquanto ferramenta de aprendizagem. Utilizando para este fim os diversos gêneros da produção audiovisual, como o cinema, a propaganda, o *vídeo-clip*, além de outras mídias que convergem para o audiovisual como a musica, fotografia, de textos e o uso de gravações televisivas.

Um exemplo interessante desta categoria é o vídeo “Trabalho dos alunos da EM Prof. Julio Mastrodomênico – Ipaussu”.

- [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=3hykp92Q\\_oE](https://www.youtube.com/watch?v=3hykp92Q_oE)

O vídeo foi produzido como atividade da matéria Inglês em uma turma de ensino médio, nele os alunos fazem uma reedição, *Remake*, do *clip Another Bricks in The Wall* da banda *Pink Floyd*. Usando para tanto cenas do *clip* original e gravações produzidas por eles

na escola onde estudam. É importante notar que a escolha da temática trabalhada discorre sobre uma leitura das velhas práticas de ensino através da inserção da música e do *vídeo-clip* da banda americana. Retratando uma escola e um modelo de ensino associado à disciplina, onde “as relações escolares eram permeadas por medo, coação e até mesmo uma subserviência, o que demonstra que essas relações eram determinadas em termos de obediência e subordinação.” (OLIVEIRA, 2009 apud AQUINO, 1996). Retrata ainda os processos de uniformização e de uma educação voltada para atender necessidades de uma sociedade de produção, “a escola inglesa é mostrada como uma imensa máquina que transforma crianças em bonecos sem face e que pouco a pouco são triturados num imenso moedor de carne. Cada estudante é, nada mais, nada menos, do que um outro tijolo no muro; ou uma outra engrenagem na máquina.”(GALLO, 2002).

No vídeo *Minha Mãe é uma Peça (Trabalho de Inglês)* é realizada uma *Intervenção*. Nele os alunos fazem uma refilmagem de cenas do filme nacional *Minha Mãe é uma Peça*. Realizando, no entanto, os diálogos em inglês e fazendo um paralelo entre as cenas gravadas por ele, em destaque, e as originais do filme, no canto superior do vídeo. O filme *Minha Mãe é uma Peça*, é do gênero comédia e teve destaque no Brasil, o protagonista é o ator Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros interpretando uma mãe que de modo irritadiço tenta educar seus filhos, dialogando com temas como homossexualidade, uso de drogas e identidades juvenis.

- <https://www.youtube.com/watch?v=iPUSIYAdnkI>

No vídeo *Funk Ostentação Trabalho de Sociologia*, alunos discutem, através de vídeos, vídeos-clips, entrevistas, fotos e gravações em áudio e vídeo o que é e como surgiu, o estilo musical *Funk Ostentação*.

- [https://www.youtube.com/watch?v=kB4D\\_NP1OV8](https://www.youtube.com/watch?v=kB4D_NP1OV8)

*Vídeo como Documentação*. São aqueles que contemplam o registro de atividades relacionadas ao ensino, como as próprias aulas, atividades extraclasse, manifestações culturais escolares, eventos escolares onde alunos desenvolvem algum tipo de atividade, ou seja, a documentação em audiovisual no âmbito escolar.

O vídeo: *Hino Nacional versão funk em apresentação escolar*, documenta uma apresentação de dança que ocorreu durante a 10ª Amostra Cultura, Científica e Tecnológica da Escola Estadual Senador Humberto Lucena, em Cacimba de Dentro. A apresentação se baseou em uma versão do Hino Nacional em *estilo Funk*, a partir da qual o professor e os



alunos montaram uma coreografia. O vídeo gerou muita repercussão nas mídias e teve grande número de *compartilhamento* no *YouTube* por envolver o Hino Nacional associado a um estilo musical, *Funk*, que é remetido a algo pejorativo sendo de expressão da cultura negra e desenvolvido nas comunidades que reúnem a população de baixa renda, sendo marginalizado por grande parte da população brasileira.

- [TTPS://www.youtube.com/watch?v=TuZ3hXA1E4Q](https://www.youtube.com/watch?v=TuZ3hXA1E4Q)

Portanto a discussão em torno do vídeo se concentrou na aceitação ou rejeição de identidades e culturas, a negra, a do morador de comunidade, a da população de baixa renda, aflorando subjetivações e conflitos comuns em nossa sociedade.

No vídeo “2º Debate entre as chapas das eleições para o Grêmio Politécnico 2014 - parte I” transcorre o registro do evento explicito no título do vídeo, onde os alunos discutem ideias e propostas das chapas que disputam a eleição do Grêmio Escolar na instituição.

- <https://www.youtube.com/watch?v=1QaYn-1QJYo>

*Vídeo como Ficção.* Quando a proposta do vídeo envolve a dramatização da realidade ou de uma situação imaginária inerente ao contexto trabalhado na escola. Podendo quebrar as barreiras do tempo e do espaço, dando margem a discussões que podem envolver qualquer temática abordada como prática de ensino.

Os vídeos postados no site *YouTube* que se apresentam em formato ficcional geralmente retratam temas correntemente associados à juventude como combate as drogas, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, além de serem vinculados a “trabalhos de” determinado conteúdo curricular.

O vídeo *Filme feito pelos alunos do 1º ano - CEFET - campus Curvelo - MEA-IA (2012)*, denominado “Veneno Vermelho” e uma adaptação da obra literária, *Vermelho Amargo*, onde os alunos dramatizam e citam os textos da obra.

- <https://www.youtube.com/watch?v=V9XavNWRRFg>

*Vídeo como Expressão.* Apesar de todas as categorias guardarem em si, modos de expressão indivisíveis da visão de mundo do estudante, reservo este espaço aos vídeos onde essa característica é aguçada. Onde o fazer se sobrepõem ao cumprimento de atividades curriculares, permitindo aos alunos se expressarem livremente acerca de assuntos diversos que os motivem e os integrem no fazer audiovisual. Em metáfora, o *vídeo como expressão*, se

assemelharia a prática de ensino denominada por *desenho livre*, reforçando o papel protagonista do aluno.

Intitulado por “*Superman na Sala de Aula!*”, o vídeo consiste em um tipo de *brincadeira*, onde um aluno vestido como o personagem americano *Superman*, é elevado por seus colegas de forma a simular seu vôo pelo corredor da escola onde estudam, gerando espanto por parte de quem observa-o passar através das janelas nas salas de aula.

- [https://www.youtube.com/watch?v=Hgoq\\_FNY6OU](https://www.youtube.com/watch?v=Hgoq_FNY6OU)

O vídeo é uma brincadeira que prende os alunos ao fazer, à construção e a produção de cultura, que move e motiva, gerando interação em sua realização. De forma descontraída, leve, isenta de responsabilidades, mas que demonstra a capacidade de organização de um grupo em encontrar meio de produzir conteúdo, se relacionando com a ordem escolar e com os estudantes que dentro dos *espaços delimitados para o ensino*, as salas de aula, se deparam com uma situação inusitada.

Nesse mesmo viés se encontra o vídeo “*Imitando ônibus na sala de aula e se deu mal!!!*”, onde os alunos brincam com a disposição das cadeiras em filas, fazendo paralelo com as poltronas de um ônibus de transporte público. Retratam o cotidiano dos passageiros, suas vivências corriqueiras, os conflitos e as diferenças culturais em um formato bem-humorado e descompromissado.

- <https://www.youtube.com/watch?v=ZkYBRQ1ITQs>

Esse vídeo pode ser considerado uma *crônica*, onde os alunos retratam seu cotidiano, sua realidade suburbana, seus trajeto diários a bordo de ônibus, o contraste gerado ao se depararem com as diferenças de gênero. Isso em meio a comicidade, ao despeito com a ordem escolar, subvertendo-a. Assim as filas das salas de aula viram um modo de brincar com o vídeo e ele uma forma de expressão cultural do aluno.

## Considerações Finais

Em busca de compreender como se configuram as produções audiovisuais realizadas por alunos e divulgadas através do site *youtube*, encontrei similaridades entre o grande número de vídeos postados como práticas de ensino, através das quais foi possível estabelecer conexões entre os vídeos de modo a classificá-los. No entanto não tenho a pretensão de delimitar e enquadrar tais produções em conformações específicas e rígidas, mas de perceber suas características, seus modos de fazer e de se inserir no contexto educacional. Não consegui encontrar um vídeo que se encaixasse perfeitamente em apenas uma categoria, pois eles

guardam em si variação de recursos e abordagens de forma que há uma interpenetração dos campos de abrangência das categorias.

Peço atenção aos vídeos produzidos por estudante, pois percebo que estes são uma forma de expressão, um grito, que clama pela emancipação do ensino das velhas práticas, da visão do aluno passivo, vazio, a ser preenchido por conhecimento. Anunciam de modo irreverente, leve, descompromissado, que retratam o mundo visto sob a ótica do aluno.

## Referências

- BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia educação: conceito, história e perspectivas. *Revista Scielo*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>> Acesso em: 28 Agosto 2014.
- CASTELLS, Manuel. Sociedade em rede: do conhecimento à ação política. In \_\_\_\_\_, Gustavo Cardoso (Org.). Conferência promovida pelo Presidente da República. Centro de cultura de. 2005. Belém. Disponível em: <<http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>> Acesso em: 28 Agosto 2014.
- GIRARDELLO, Gilca; OROFINO, Izabel. Crianças, cultura e participação: um olhar sobre mídia-educação no Brasil. Disponível em:< <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/312/pdf>> Acesso em: 02 de Outubro 2014.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. *Revista Scielo*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002)> Acesso em: 02 Outubro 2014.
- LEMOS, Silvana. Nativos digitais X aprendizagens: um desafio para a escola. Disponível em: < <http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>> Acesso em: 02 outubro 2014.
- LUCA, Luiz Gonzaga Assis. **A Hora do Cinema Digital: Democratização e Globalização do Audiovisual**. São Paulo. Imprensa Oficial, 2009.
- MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação & Educação*. Disponível em:< [http://extensao.fecap.br/artigoteca/Art\\_015.pdf](http://extensao.fecap.br/artigoteca/Art_015.pdf)> Acesso em: 02 Outubro 2014.
- OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme. REFLEXÕES SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR A PARTIR DE SUA DIVERSIDADE CONCEITUAL. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3412\\_1708.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3412_1708.pdf)>Acesso em: 02 Outubro de2014.
- PESSÔA, Aline Ribeiro. **Vídeos do Youtube: compartilhando ideias e reflexões**. Disponível em: <[http://www.letras.ufg.br/up/25/o/VIISLE\\_27.pdf](http://www.letras.ufg.br/up/25/o/VIISLE_27.pdf) > Acesso em: 02 Outubro de2014.; RIBEIRO, Luis Otoni Meireles. ANÁLISE DE VÍDEOS EDUCACIONAIS NO YOUTUBE: CARACTER. Disponível em: <<seer.ufrgs.br/renote/article/download/30816/19202>> Acesso em: 02 Outubro de2014.
- PINHO, Wagner Leandro Pereira. Cibercidade, Ciberespaço e as Relações Sociais de Lazer. Disponível em: <

[nm.com.br/terceiro/index.php?option=com\\_content&view=article&id=51:cibercidade-ciberespaco-e-as-relacoes-sociais-de-lazer&catid=6:tecnologias-da-educacao-e-educacao-a-distancia&Itemid=28](http://nm.com.br/terceiro/index.php?option=com_content&view=article&id=51:cibercidade-ciberespaco-e-as-relacoes-sociais-de-lazer&catid=6:tecnologias-da-educacao-e-educacao-a-distancia&Itemid=28)> Acesso em: 02 Outubro de2014.

- PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Disponível em: < <https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSsMmdDknwjNcTYm7j1a0noxY/edit?pli=1>> Acesso em: 02 Outubro de2014.
- SANCHO, Juana Maria. **De tecnologia da informação e comunicação a recursos educativos**. In: Tecnologias para transformar a educação. Porto alegre: Artmed, 2006
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultu**
- SCHNEIDER, Catiúcia Klug; CAETANO, Lélia ra. São Paulo: Paulus, 2003.
- SERRANO, Paulo Henrique Souto Maior. **Cognição e interacionalidade através do YouTube**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serrano-paulo-cognicao-interacionalidade-youtube.pdf>> Acesso em: 02 Outubro de2014.